

PAREDÃO DE MINAS: ANÁLISE DO ESPAÇO-TEMPO E DO DESENVOLVIMENTO COMO LIBERDADE

Amanda Alves Maciel Rocha¹

RESUMO

Paredão de Minas, lugar escolhido como referência neste trabalho, nos coloca frente a frente com os novos paradigmas dos estudos socioespaciais, com a necessidade de se discutir conceitos, funcionamentos e formas de valoração sob uma ótica transdisciplinar. O modelo de desenvolvimento dos últimos anos reservou para Paredão uma série de impactos que tem levado à crescente vulnerabilidade da população e à desvalorização dos seus meios de vida. Diante disso, este trabalho realizou uma análise socioespacial cuja metodologia de pesquisa buscou apreender os valores locais e fundamentar os questionamentos nas percepções dos que legitimamente vivem no local. Paredão de Minas é um exemplo dentre vários que sofrem com os atuais modelos de desenvolvimento pautados nos interesses de atores hegemônicos que detêm as “rédeas” da economia, da política e da cultura. Existe urgência em se compreender, problematizar e buscar novos caminhos para um desenvolvimento, a nível local e global, que de fato promova a expansão das liberdades das pessoas, se atente às especificidades de cada realidade e reconheça a legitimidade do papel de agente dos cidadãos em tais processos.

Palavras-chave: Espaço-tempo. Desenvolvimento. Meio Ambiente. Qualidade de Vida.

¹Arquiteta Urbanista graduada pela Universidade Federal de Minas Gerais. Endereço eletrônico >amandamaciel.urb@gmail.com<. Currículo Lattes ><http://lattes.cnpq.br/3964647041627683><.

INTRODUÇÃO

A ciência do século XIX, com grande influência do positivismo, fragmentou o saber e criou barreiras disciplinares que reduziram os diálogos e trocas, tornando as disciplinas cada vez mais herméticas. Além disso, a crença pela soberania do saber científico, objetivo e neutro acabou por subjugar os conhecimentos do senso comum, hoje considerados tão importantes quanto o científico para uma análise complexa da realidade. Dentro do campo dos estudos socioespaciais essa especialização e pretensão pela autonomia dos saberes têm levado a interpretações fragmentadas e reducionistas do espaço.

A nova crítica contemporânea coloca em cheque a “pureza” das observações, a separação entre o observador e a coisa observada, as relações simplificadas de causa e efeito e entra com a percepção da totalidade dos fenômenos, entende que tudo se relaciona e propõe a transversalidade das disciplinas e o diálogo entre as formas de saber. Edgar Morin (1977, p.13), sociólogo que se dedica ao estudo do pensamento complexo, declarou que está “cada vez mais convencido de que a ciência antropológica tem de articular-se na ciência da natureza”, o que requer uma reorganização da própria estrutura do saber. Enfatiza também que os conceitos que usamos para conceber a nossa sociedade estão mutilados e levam a ações mutiladoras. Crítica parecida também é feita pelo geógrafo Milton Santos:

O grande desenvolvimento das diferentes ciências particulares, durante o século XX, contribuiu para grandes avanços científicos e tecnológicos, mas, também, levou a uma extrema especialização do saber, cuja consequência é, frequentemente, o próprio comprometimento do entendimento do mundo. (SANTOS, 2005, p. 139)

A pesquisa aqui contemplada tem como estudo de caso Paredão de Minas, distrito da zona rural no município de Buritizeiro (MG) que surgiu há cerca de 200 anos através da aglomeração de garimpeiros que exploravam o Rio do Sono.



Figura 1: Localização geográfica Paredão de Minas

Fontes: Mapas 1 e 2- retirados do EIA PCH Paredão de Minas. AZURIT, 2009, Belo Horizonte. Mapa 3 – imagem aérea Google Maps, 2015 com edições gráficas da autora.

O modelo e as diretrizes de desenvolvimento dos últimos anos, muito pautadas no crescimento econômico e com grande dificuldade de articulação entre o “urbano” e o “rural”, reservaram para Paredão uma série de impactos ambientais, sociais e econômicos que têm levado à crescente vulnerabilidade da população, à desvalorização dos seus meios de vida, à limitação das capacidades² dos indivíduos e à impossibilidade de escolhas para os modos como eles desejam e valorizam viver. Frente a este cenário local e às atuais problemáticas dos estudos socioespaciais, este trabalho³ buscou a compreensão integrada da realidade complexa de Paredão de Minas, questiona o modelo de desenvolvimento vigente, a naturalização das imposições e tomadas de decisão que se dão de forma verticalizada e a supremacia do saber técnico. Além disso, buscou adotar uma metodologia de pesquisa que permitisse a aproximação e integração das pessoas que vivem em Paredão de Minas ao estudo, de forma a apreender suas prioridades e valores e fundamentar os questionamentos nas percepções dos que legitimamente se referenciam e formam o lugar em questão.

² Amartya Sen (2010, p. 29) define capacidade como as “combinações alternativas de funcionamentos cuja realização é factível a ela”, sendo, portanto um tipo de liberdade: “a liberdade substantiva de realizar combinações alternativas de funcionamentos (ou, menos formalmente expresso, a liberdade para ter estilos de vida diversos)”. Neste artigo o termo “capacidade” é sempre empregado tendo em vista tal definição.

³ Este artigo se refere ao estudo realizado em 2015 durante o desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso em Arquitetura e Urbanismo (UFMG) da autora, cuja orientação foi realizada pelo Prof. Dr. Flávio de Lemos Carsalade (UFMG) e coorientação pela Prof. Ma Maria Cristina Rocha Simão (IFMG-Ouro Preto).

ESPAÇO-TEMPO E DESENVOLVIMENTO

A análise realizada se deu através de uma leitura espaço-temporal do distrito de Paredão de Minas com o aporte dos conceitos de meio-técnico e meio ambiente de Milton Santos e da definição de desenvolvimento e avaliação da qualidade de vida do economista Amartya Sen.

Sobre a questão ambiental, Milton Santos ultrapassa a definição limitada de meio ambiente como sinônimo de meio natural e propõe sua compreensão através da técnica e da formação do meio técnico:

Ao falarmos em meio ambiente, portanto, temos que entender, antes de tudo, a formação desse meio-técnico que, hoje, é passível de ser apreendido na relação do lugar com o mundo, posto que a técnica é a base de realização da mundialidade como totalidade empírica e esta somente é alcançada através dos lugares, na medida em que os lugares exprimem a funcionalização do mundo. [...] A técnica é a grande banalidade e o grande enigma, e é como enigma que ela comanda nossa vida, nos impõe relações, modela nosso entorno, administra nossas relações com o entorno. (SANTOS, 2005, p. 142)

O economista Amartya Sen (2011) coloca a liberdade como chave para o desenvolvimento. Essa visão rompe com as fórmulas simplistas baseadas na acumulação de capital, na abertura de mercado e no planejamento econômico e traz um novo princípio organizador mais integrado e abrangente, que se preocupa, fundamentalmente, com o processo do aumento das liberdades individuais para que o desenvolvimento seja alcançado.

Ao avaliarmos nossas vidas, temos razões para estarmos interessados não apenas no tipo de vida que conseguimos levar, mas também na liberdade que realmente temos para escolher entre diferentes estilos e modos de vida. Na verdade, a liberdade para determinar a natureza de nossas vidas é um dos aspectos valiosos da experiência de viver que temos razão para estimar. O reconhecimento de que a liberdade é importante também pode ampliar as preocupações e os compromissos que temos. [...]. Trata-se de um tema importante na abordagem de questões tais como as exigências da responsabilidade ambiental e do “desenvolvimento sustentável”. (SEN, 2011, p. 194).

Ultrapassando o entendimento de qualidade de vida baseada em índices e parâmetros generalizados, Amartya Sen enfatiza que para avaliar a qualidade de vida das pessoas é preciso observar os funcionamentos e as capacidades dos indivíduos e como estes conseguem melhorar suas condições de vida.

A importância do conhecimento da técnica (e do meio-técnico) para leituras do espaço-tempo, como proposto por Milton Santos, a apreensão das bases materiais sobre as quais as pessoas vivem e se reproduzem, suas capacitações e seus meios de vida, como

proposto por Amartya Sen, são formas interessantes de apreender a realidade complexa e encontrar elementos fundamentais na formulação de respostas para questões ligadas ao meio ambiente, à qualidade de vida e ao desenvolvimento. Tão interessante e importante quanto qualquer contribuição que estes teóricos nos venham dar, é a busca pela integração das pessoas relacionadas com as questões estudadas em todo processo de pesquisa e análise, reconhecendo-as como agentes ativos dos processos de valoração e nas tomadas de decisão.

LEITURA DO ESPAÇO-TEMPO ATRAVÉS DA PAISAGEM

Segundo relato dos moradores, Paredão de Minas existe há cerca de 200 anos, ou seja, ele surgiu antes mesmo da municipalização de Buritizeiro e Pirapora. O distrito de Paredão foi reconhecido em 1960, quando Buritizeiro foi desagregado de Pirapora e se tornou um município.

O primeiro nome do povoado, São Sebastião das Lages, foi dado em homenagem ao padroeiro local e fazia referência às grandes lajes de pedra que formam as margens do Rio do Sono. O nome Paredão de Minas surgiu posteriormente inspirado na formação rochosa situada à margem esquerda do rio do Sono, que, junto a este, forma a fronteira entre os municípios de João Pinheiro e Buritizeiro.

A paisagem é o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza. [...] O seu caráter de palimpsesto, memória viva de um passado já morto, transforma a paisagem em um precioso instrumento de trabalho, pois “essa imagem imobilizada de uma vez por todas” permite rever as etapas do passado numa perspectiva de conjunto. (SANTOS, 2006, p. 83-86).

A paisagem local, que inspira o nome e faz parte da identidade de Paredão de Minas, é um interessante elemento de leitura da formação do espaço. Quando se identifica as marcas do tempo geológico e as marcas deixadas pela atividade humana na paisagem, tem-se testemunhos importantes da formação espacial e do histórico das técnicas do lugar.

A aglomeração de garimpeiros à margem do Rio do Sono foi o que deu origem ao povoado de Paredão. Em vários pontos deste Rio é possível identificar detritos de rochas que foram formados a partir da exploração das grandes lajes planas por dinamites e dragas, prática comum nas antigas regiões de garimpo.



Figura 2: Marcas na paisagem gerada pela atividade garimpeira. Locais: Ponte Pedra (no topo) e Cachoeira Grande (embaixo)
Fonte: Acervo da autora, 2015

Outras técnicas também podem ser investigadas a partir dos elementos da paisagem, como os pastos fabricados e os pastos naturais utilizados para a agropecuária e a atividade de silvicultura, sendo esta última mais recente e tendo como principal foco a plantação de eucaliptos para fabricação de carvão vegetal. Estas atividades modificaram a morfologia do terreno e a vegetação local, típica do cerrado, o que gerou marcos físicos visíveis na paisagem.



Figura 3: Área hoje destinada à silvicultura de eucaliptos (a) (b) que, segundo moradores, correspondia a uma extensa floresta natural de Baru, árvore que produz um fruto típico da região. Vista dos buritis que cercam uma vereda (c) (f). Vereda localizada em uma fazenda próxima. Segundo moradores, a plantação de eucaliptos localizada à margem esquerda vem provocando a diminuição do volume de água da vereda (d) (e)

Fonte: Acervo da autora, 2015

TRABALHO EM CAMPO: APREENSÃO DE VALORES E PERCEPÇÕES LOCAIS

No intuito de adotar uma metodologia participativa que convidasse os moradores ao estudo, realizou-se uma pesquisa de campo durante 15 dias no local, entre os dias 4 e 19 de agosto de 2015⁴.

Antes da inserção em campo foi desenvolvida uma pesquisa documental que incluiu diversas fontes previamente disponíveis, como sites e blogs disponíveis na internet, dados do IBGE e do INCRA, estudos disponibilizados por órgãos administrativos locais e publicações e documentos oficiais de resoluções relacionadas à região estudada. Além disso, pesquisou-se sobre as abordagens, metodologia e ferramentas de pesquisa em campo possíveis de serem adotadas durante o trabalho⁵.

O estudo adotou uma pesquisa prioritariamente qualitativa cujas principais ferramentas utilizadas foram entrevistas, mapas mentais e rodas de conversa. As entrevistas foram previamente estruturadas de modo a direcionar as conversas para temas de interesse centrais do trabalho, porém, mesmo contando com essa predeterminação, houve a preocupação em adotar um roteiro e uma abordagem flexíveis o suficiente para que as informações e contextos específicos de cada entrevistado fossem contemplados. Tais entrevistas, quando havia permissão dos entrevistados, foram gravadas. As abordagens se deram de forma fluida através de convites para cafés, conversas espontâneas na porta das casas que, na maioria das vezes, foram propiciadas pelo próprio interesse dos moradores sobre os motivos da presença de “forasteiros” no local. O roteiro base das entrevistas foi definido no terceiro dia de campo, pois se julgou necessário uma prévia inserção ao lugar e uma análise da receptividade dos moradores, para inclusive, utilizar uma linguagem e abordagem próximas aos seus contextos (Ver Apêndice A).

O processo de desenho dos mapas foi guiado por instruções básicas durante as entrevistas, porém, qualquer livre manifestação de representação que surgisse fora das instruções do roteiro era incentivada e aceita. Os mapas eram solicitados de acordo com a receptividade do entrevistado e contexto de cada entrevista.⁶

⁴ Houve um contato prévio com a população e o local durante uma viagem de lazer realizada em outubro de 2009, fato que facilitou a interação com os moradores e promoveu maior confiabilidade e abertura durante o processo de pesquisa.

⁵ As principais referências metodológicas foram encontradas em COUTINHO; CUNHA (2004) e em LYNCH (1960).

⁶ A fim de garantir a maior fidelidade possível ao que e como foi dito pelos entrevistados, a transcrição das entrevistas se dará da forma mais semelhante possível ao que foi ouvido, gravado e lido pela entrevistadora.



Figura 4: Garimpeiro artesanal durante suas atividades na Cachoeira Grande (à esquerda) . Moradora que cultiva uma horta coletiva às margens do Rio do Sono (à direita)

Fonte: Acervo da autora, 2015

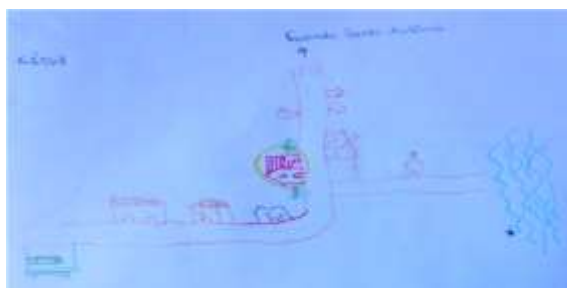


Figura 5: Mapa mental desenvolvido por moradora, 38 anos (à esquerda). Mapa mental desenvolvido por morador, 53 anos (à direita)

Fonte: Desenhos elaborados pelos respectivos entrevistados. Registro do acervo da autora, 2015

O trabalho com os alunos da escola Teodora Alves do Santos⁷, localizada no distrito, teve uma abordagem parecida com a descrita no roteiro, porém os direcionamentos foram realizados com base no contexto na realidade das crianças e dos jovens que lá estudam. No dia 8 de agosto de 2015 realizamos uma roda de conversa onde foi perguntado aos alunos sobre o que eles se lembravam quando escutavam a palavra Paredão, quais eram as coisas boas e ruins do local e o que eles gostariam que tivesse e não tem⁸. Esta atividade foi importante para entender o sentimento de pertencimento deles em relação ao lugar onde vivem, quais suas expectativas e o que valorizam. Posteriormente, entregamos a eles um mapa da malha urbana de Paredão e pedimos para que situassem e desenhassem suas casas, o trajeto feito por eles até a Escola e os pontos que eles consideravam mais importantes de Paredão. No dia 12 de agosto de 2015

Assim, é certo que erros de grafia, concordância e o uso de palavreado informal serão recorrentes e, por isso, evitar-se-á o uso repetido de observações acerca desses eventuais erros e desvios da linguagem formal, a fim de que a transcrição das entrevistas se dê de forma fluída e espontânea. Com o intuito de preservar a identidade dos entrevistados utilizamos o termo “Morador” ou “Moradora”, seguido das referidas idades, para referenciar citações e transcrições.

⁷ A atividade foi realizada com alunos do 5º ao 9º ano.

⁸ Tais informações foram anotadas em um quadro durante a roda de conversa, como mostra a Figura 7.

realizamos mapas mentais livres e individuais com os alunos do 7º ano. Após a finalização dos mapas foi feita uma roda onde conversamos sobre os lugares e os elementos que mais apareciam nos desenhos e quais eram as percepções deles sobre o Paredão. Tanto o mapa coletivo quanto os individuais nos forneceram elementos fundamentais para a compreensão das relações de vizinhança, quais elementos eram utilizados como marcos de referência espacial, os trajetos comumente realizados e os locais mais representativos para eles.

Cabe lembrar que antes de iniciar qualquer entrevista, roda de conversa ou mapa, era explicado aos moradores o contexto do trabalho e qual o nosso intuito em realizar tal pesquisa.



Figura 6: Registros das atividades de roda de conversa e mapa mental coletivo desenvolvidos com os alunos da Escola Teodora Alves dos Santos

Fonte: Acervo da autora, 2015



Figura 7: Mapas mentais individuais desenvolvidos por alunos do 7º ano da escola Teodora Alves dos Santos

Fonte: Desenhos de autoria dos alunos. Registro do acervo da autora, 2015

ANÁLISE HISTÓRICA DOS EVENTOS

O estudo das interações entre os diversos elementos do espaço é um dado fundamental da análise. Na medida em que a função é ação, a interação supõe interdependência funcional entre elementos. Através do estudo das interações, recuperamos a totalidade social, isto é, o espaço como todo e, igualmente, a sociedade como um todo. Pois cada ação não constitui um dado independente, mas um resultado do próprio processo social. (SANTOS, 1997, p.7)

Perceber e considerar o movimento conjunto dos eventos, as mudanças de significados e conteúdos das coisas preexistentes, o surgimento de novas e a escala das relações globais e locais na análise do espaço-tempo têm como objetivo central o entendimento deste em sua totalidade (SANTOS, 1997).

É importante ressaltar que, apesar de não serem isolados, os eventos são individuais uma vez que se dão nos lugares e cada lugar tem suas particularidades, “eles são individuais e interdependentes e é nessas condições que participam de situações” (SANTOS, 1999. p.130). Essa interdependência dos eventos se dá em vários níveis, indo do local ao global.

O território é formado por frações funcionais diversas. Sua funcionalidade depende de demandas a vários níveis, desde o local até o mundial. A articulação entre diversas frações do território se opera exatamente através dos fluxos que são criados em função das atividades, da população e da herança espacial. (SANTOS, 1997 p.72)

A leitura da paisagem juntamente com as narrativas dos moradores locais, além de tornar possível a recomposição da evolução do espaço-tempo a nível local, também permite a compreensão de coexistências e sucessões de eventos em escalas mais amplas. A transcrição a seguir, que se refere à entrevista realizada com Morador (53 anos), além de fornecer informações muito relevantes sobre as sucessões de eventos que definem o cenário local atual, nos permite apreender qual percepção do morador quanto a este processo:

[Entrevistadora: o senhor cria animais em casa?... planta?]

Morador: [...] Hoje as coisa aqui estão se complicando, a gente não planta mais igual plantava, mas aqui nós já vivemos do sustento daqui do Paredão [...].

[Entrevistadora: e hoje compra na cidade?]

Morador: A maioria das coisas são tudo compradas na cidade, inclusive o leite e o ovos, entendeu? Porque nunca imaginei que ia chegar a este ponto, de você trazer ovos da cidade, o leite...

[Entrevistadora: e porque o senhor acha que o pessoal foi parando de plantar, de cultivar e começou a comprar?]

Morador: A história é bem longa, veja bem... O próprio governo, sistema político do Brasil, leva... Na época, em 1970, foi quando surgiu o reflorestamento. Quê que o governo fez? Ele aumentou a poupança de uma certa forma e incentivou que todo mundo que vendesse suas terra, porque ele queria que as firmas entrasse no Brasil, fazer o que fez, incentivou os fazendero a vender as terra e por dinheiro na poupança, que dinheiro na poupança era muito melhor que criar gado. [...] Quê que aconteceu na época? Todo mundo foi vendendo as propriedades, quem produzia pouco, e foi por dinheiro no banco, foi pras capitais, igual Belo Horizonte, e querer viver de juros de banco. [...] Com isso as firmas tomaram conta praticamente do Brasil, a maioria daqui pra Buritizeiro quase tudo é firma, em volta de Pirapora, daqui de Belo Horizonte, cê vai ver, tudo é empresa grande... isso foi incentivo do governo. Então o governo fez isso porque ele precisava da verba, uma troca que ele queria fazer com os empresários, a corda só quebra do lado mais fraco, então com isso enfraqueceu a nossa região, que os pequenos fazendeiros foram tudo embora. Já teve fazendeiro aqui na nossa

região de ter duas mil hectares em terra, e os filhos tão pobre. Por quê? Porque eles venderam o que eles sabiam fazer. [...].

Para a análise do desenvolvimento, entendido aqui como um processo de expansão das liberdades e das capacidades de viver da forma que se valoriza (SEN, 2010), buscou-se o a compreensão dos elementos e aspectos valorizados pelos moradores de Paredão de Minas. A primeira parte da pesquisa, referente à análise histórica dos eventos e a formação do espaço-tempo, identificou uma série de elementos (como o Rio do Sono, a Cachoeira Grande, a Praça São Sebastião e a própria história de formação lugar) que são valorizados por eles. Identificou também relações cotidianas, valores locais e forneceu elementos para a melhor apreensão do sentimento de pertencimento dos moradores com o lugar onde vivem. O objetivo da segunda etapa deste trabalho foi tangenciar tais elementos, valores e relações com as atuais diretrizes de desenvolvimento que foram reservadas para o local e, com isto, analisar se elas de fato promovem o desenvolvimento e a qualidade de vida.

DESENVOLVIMENTO COMO LIBERDADE: O QUE ELES VALORIZAM?

Atualmente Paredão de Minas passa por um grande “vácuo” de atividades econômicas e um intenso êxodo da população em direção às cidades próximas. Segundo moradores, a população residente diminuiu em 50% nos últimos cinco anos (hoje conta com cerca de 100 habitantes) e metade do número de casas (o que equivale à cerca de 50 residências) estão abandonadas ou alugadas para funcionários de empresas de mineração, extração de gás mineral e demais empreiteiras⁹. Cerca de 70% da população local é constituída por crianças, estudantes, desempregados, aposentados e donas de casa¹⁰, ou seja, a maioria das pessoas não conta com uma ocupação geradora de renda.

Quando se considera que o “sossego” e a “tranquilidade” são os principais motivos pelos quais as pessoas gostam de viver em Paredão¹¹, ou seja, são motivos fundados das relações cotidianas entre os moradores, que estruturam o bem-estar e aparecem como elementos constituintes do ideal de qualidade de vida local, o êxodo populacional associado à chegada de agentes com interesses e relações completamente externas à dinâmica do lugar (como é o caso dos funcionários das empresas de

⁹ Dados da pesquisa, 2015.

¹⁰ Fonte: AZURIT. *Estudo de Impacto Ambiental da PCH Paredão de Minas*. Relatório. Belo Horizonte, 2009.

¹¹ Dados da pesquisa gerados através das entrevistas com os moradores locais, 2015.

mineração, reflorestamento e demais empreendimentos), deixa de ser um fator meramente demográfico ou econômico para se tornar, também, uma grande ameaça à coesão social e à sustentabilidade do local.

Em 2009 foi anunciada a implantação da PCH Paredão de Minas, empreendimento que ainda está em processo de licenciamento. Durante a pesquisa buscamos compreender quais os potenciais impactos locais da PCH, principalmente os que comumente não são contemplados nos Estudos de Impacto Ambiental (EIA). Foi perguntado aos moradores se eles participaram de reuniões com a empresa responsável pelo estudo de impacto, se eles sabiam do que se tratava o empreendimento e quais as possíveis consequências para a região. Com base nas respostas obtidas constatamos que a população estava à margem do processo, poucos haviam ido à única reunião que houve com a população, em 2009, sendo que muitos dos que foram disseram não ter entendido muito bem o que os responsáveis pelo estudo disseram. O trecho a seguir foi retirado da entrevista com um jovem Morador de 25 anos que vive em Paredão:

[...] Eu sei que tá estudado, não, beleza [...] Eu sei queês num vai deixar, se começar a parar peixe ali a políça vai lá e é um problema doido. Mas eu num tô entendendo é que, olha procê vê... a cachoeira moço, tem quanto tempo que tem essa cachoeira aí? Todo mundo que anda aqui conhece a cachoeira “olha a Cachoeira Grande”, todo mundo vai na Cachoeira Grande. Agora, Paredão, Paredão sem a Cachoeira Grande? Não, não tem mais nada. “E aí, e a cachoeira? Não, não tem mais não, agora cês vão lá na Cachoeira Comprida, num sei quantos quilômetro... vai lá...”. Ah!... eu não gosto desse trem não, esse povo ta errado! [...].¹²

A fala do morador retrata uma falha comum dos processos de avaliações de impactos de empreendimentos que comumente se dão por meio de processos e interesses externos e verticalizados e adotam uma visão limitada sobre o que é “meio ambiente” e seus impactos.

O represamento do rio do Sono e a elevação do nível da água promoverão, ainda, a descaracterização da área de corredeira do rio do Sono denominada de Cachoeira Grande.

Esse local é tradicionalmente utilizado pela população de Paredão de Minas para lazer, sobretudo pelos jovens. Todavia, não há significativa exploração do turismo no local, que inclusive é pouco conhecido por pessoas que não moram na região da ADAE, não sendo fonte de renda para nenhum morador. (AZURIT, 2009, p.124).

O trecho acima, retirado do Relatório de Impacto Ambiental (AZURIT, 2009) feito pra o licenciamento da PCH Paredão de Minas, sugere que, como o local não tem “significativa exploração do turismo” e como não é “fonte de renda para nenhum

¹² Depoimento Morador, 25 anos [ago. 2015]. Entrevistadora: Amanda Alves Maciel Rocha. 1 arquivo mp3 (54 min.), trecho referente: 00:16:36 a 00:22:37.

morador”, o impacto gerado pelo represamento e a conseqüente descaracterização da paisagem não são questões muito relevantes, o que contrasta fortemente com o posicionamento do jovem morador. De acordo com a fala do entrevistado (Morador, 25 anos), a Cachoeira Grande tem um forte significado para o local, é uma referência cultural, se apresenta como um importante elemento caracterizador de Paredão e possui estreita relação com seu sentimento de pertencimento ao lugar onde vive. Além da Cachoeira Grande, a formação rochosa que deu origem ao nome do lugar é outro elemento que seria fortemente descaracterizado com a implantação da PCH, elemento este que carrega muito da identidade local.



Figura 8: Cachoeira Grande, localizada no Rio do Sono

Fonte: Acervo da autora, 2015



Figura 9: Formação rochosa à margem esquerda do Rio do Sono e desenho com pedras formando o nome “Paredão de Minas”, feito por moradores

Fonte: Acervo da autora, 2015.

Subestimar os usos e valores locais por não estarem inseridos em nenhuma atividade geradora de renda, ou mais preocupante, julgá-los irrelevantes por não serem reconhecidos por agentes externos ao local, são posturas que geram tomadas de decisão verticalizadas baseadas em valores externos e hegemônicos. Essa é uma questão essencial que deve ser abordada, pois, considerar a forma como os impactos de fato acontecem e são assimilados nos espaços onde os eventos se inserem é fundamental para qualquer planejamento que preze pelo desenvolvimento sustentável e por melhorias na qualidade de vida das pessoas.

Vargas (2005) faz uma importante consideração quando enfatiza a falta de contextualização territorial no atual discurso globalizado dos fenômenos ambientais:

Cabe perguntar se esta omissão da territorialização do ambiente, de sua inserção em escalas concretas dos acontecimentos sociais, não é um dispositivo epistemológico e geopolítico que torna visíveis apenas alguns conteúdos dos fenômenos ambientais enquanto torna outros invisíveis.” (VARGAS, 2005. Tradução nossa)¹³

A busca pela compreensão do que é meio ambiente e a consideração dos contextos e das especificidades das relações sociais se mostra essencial às análises e propostas totalizantes e integradas que prezam pelo desenvolvimento sustentável e pela qualidade de vida das pessoas.

CONCLUSÃO

Este trabalho propôs, sob uma ótica transdisciplinar, realizar uma análise integrada de uma realidade complexa, questionar os atuais modelos de desenvolvimento, as tomadas de decisão e processos de valoração que se dão de forma impositiva e verticalizada, as limitações das análises descontextualizadas, os conceitos limitados de desenvolvimento, qualidade de vida e meio ambiente que comumente norteiam as políticas públicas e privadas e, principalmente, afirmar a importância do empoderamento das pessoas frente os rumos do desenvolvimento e demais processos, principalmente os que afetam diretamente o cotidiano e o espaço onde vivem.

A proposta de uma metodologia de pesquisa próxima à realidade das pessoas que vivem no local, de seus contextos e especificidades possibilitou a compreensão da formação histórica e geográfica do lugar e dos processos de sucessão e concomitância dos eventos. A análise do espaço-tempo, por sua vez, foi fundamental para que se conhecesse o que as pessoas de fato valorizam e o modo que elas valorizam viver, suas capacidades e também de que forma o desenvolvimento, entendido como processo de expansão das liberdades reais, as contemplam ou não.

Paredão de Minas, objeto de estudo deste trabalho, é um exemplo dentre vários que sofrem com os atuais modelos de desenvolvimento pautados nos interesses de atores hegemônicos que detêm as “rédeas” da economia, da política e da cultura. Existe urgência em se compreender, problematizar e buscar novos caminhos para um

¹³ Cabe preguntar si esta omisión de la territorialización del ambiente, de su inserción en escalas concretas del acontecer social, no es un dispositivo epistemológico y geopolítico que torna visibles apenas algunos contenidos de los fenómenos ambientales en cuanto hace invisibles.

desenvolvimento, a nível local e global, que de fato promova a expansão das liberdades das pessoas, se atente para as especificidades de cada realidade e considere a legitimidade do papel de agente das pessoas nesse processo.

REFERÊNCIAS

- AZURIT, Engenharia e Meio Ambiente. **Estudo de Impacto Ambiental**. Relatório de Impacto Ambiental PCH Paredão de Minas. Minas Gerais, 2009. (Documento disponibilizado pela Secretária de Meio Ambiente do município de Buritizeiro)
- COUTINHO, Maria Tereza; CUNHA, Suzana. **Os caminhos da pesquisa em ciências humanas**. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2004.
- LYNCH, Kevin. **A Imagem da Cidade**. Lisboa: Editora Edições 70, 1960.
- MORIN, Edgar. **O Método I: a natureza da natureza**. 2ª ed. Tradução: M. G. de Bragança. Portugal, Europa: América, 1977.
- SANTOS, Milton. **A natureza do Espaço**. 4ª ed. São Paulo: Edusp, 2006.
- _____. **A questão do meio ambiente: desafios para a construção de uma perspectiva transdisciplinar**. Bahia, 1994: In GeoTextos, vol.1, n.1, 2005. Disponível em: <<http://www.portalseer.ufba.br>>. Acesso em 10 de maio de 2015.
- SEN, Amartya. **A Ideia de Justiça**. Tradução de Ricardo Doninelli Mendes e Denise Bottman. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2011.
- _____. **Desenvolvimento como Liberdade**. Tradução de Laura Teixeira Motta. 3ª edição. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2010.
- _____. **Espaço e método**. 4ª ed. São Paulo: Nobel, 1997 (Coleção Espaços).
- VARGAS, G. **Naturaleza y Medio Ambiente**. Revista Geográfica Venezolana, vol 46, 2005.

APÊNDICE A - Roteiro Guia para entrevistas - Paredão de Minas

1. Quando escuta a palavra Paredão do que se lembra imediatamente?
2. Você poderia desenhar o mapa do Paredão? Marque os pontos que você considera mais diferenciados/ importantes. Quais locais ficam perto do Paredão? Quais lugares você mais gosta no Paredão? Pode marcá-los no mapa? Não gosta de algum lugar?
3. Você gosta de morar aqui? Por quê? Você tem parentes que nasceram aqui e saíram para morar em outro lugar? Porque se mudaram?
4. Já aconteceu algo na história do Paredão que você considera importante? O quê?
5. Você planta e/ou cria animais em casa? Quais/o quê?
6. Você tem saudade de algo que existia aqui e não existe mais?
7. Você vai muito ao Rio do Sono? O que costuma fazer lá?
8. O que você acha que poderia ser feito no Paredão para melhorar a vida das pessoas?

